A Bruxa Tília e o Livro Velho



A Bruxa Tília e o Livro Velho

AURORA SELVAGEM

Lumina — Livros com Vida

A Bruxa Tília e o Livro Velho

© 2026 Aurora Selvagem.
Todos os direitos reservados.

Capa: Lumina
ISBN: 9789403963921

1.ª edição, 2026
Lumina — Livros com Vida
Publicado através da Bookmundo

Índice

Parte Um · A Folha

1 A folha que não queria cair 9
2 A cabana que tinha pernas 16
3 O ouriço que nunca se ia embora 22
4 A ronda da noite 27
5 A coruja que sabia demais 32
6 A primeira página 37

Parte Dois · A Ronda

7 O que as ervas sabem 46
8 O vento tem vergonha 51
9 A coisa que nasceu na clareira 57
10 Uma coisa verdadeira 63
11 As lanternas contam-se mal 69
12 A biblioteca da nogueira 73

Parte Três · O Livro Velho

13 Alguém bate à porta 83
14 Uma vassoura sem pressa 89
15 A vassoura que foi a pé 96
16 A professora que tinha uma abóbora na cabeça 103
17 A noite em que a cabana contou histórias 111
18 A primeira neve 119

Parte Quatro · A Noite da Cabana

19 A cabana que não queria levantar-se 128
20 O primeiro passo 135
21 O rio e a neblina 141
22 Uma fila de luzes na neve 147
23 O baile das casas 153
24 As luzes da árvore 159

Parte Cinco · O Outono que não Acabava

25 Os convites 169
26 A sopa que chegava para todos 175
27 A velhinha do arroz-doce 183
28 O que a árvore escreveu 189
29 O pequeno-almoço de Natal 196
30 O outono que não acabava 200

PARTE UM



A Folha

CAPÍTULO 1

A folha que não queria cair



Numa árvore muito alta, no cimo de uma colina muito antiga, vivia uma folha de ácer chamada Fiapo.

Fiapo era amarela. Não era um amarelo qualquer, daqueles que se esquecem logo. Era amarelo de manteiga, amarelo de sol de fim de tarde, amarelo de gema de ovo a brilhar numa frigideira de domingo. Quando o sol batia nela, a árvore inteira parecia ter acendido uma pequena lanterna.

Mas Fiapo tinha um problema. Um problema grande, para quem é tão pequenina.

Não queria cair.

Era outono, e no outono as folhas caem. Sempre foi assim, desde que há folhas e desde que há outonos. Na copa daquela árvore, todas as manhãs, mais uma irmã de Fiapo largava o ramo, e todas as manhãs Fiapo fechava o pé com mais força e dizia, muito baixo, para ninguém ouvir:

— Hoje não. Hoje ainda não.

As irmãs não se importavam. Despediam-se a rir e partiam. Umas desciam a rodopiar como bailarinas, outras a deslizar de lado como barquinhos de papel, outras a dar cambalhotas só para fazerem cócegas ao ar. E nenhuma, reparou Fiapo, parecia ter medo. Isso intrigava-a mais do que tudo.

— Então? — perguntou a folha mais velha, uma de vermelho escuro, na manhã em que partiu. — Não vens?

— Ainda não.

— Mas porquê?

Fiapo pensou. Não sabia explicar bem. Era uma coisa que sentia no fundo do pé, uma coisa pesada e quente.

— Porque cair é acabar — disse por fim. — E eu não quero acabar.

A folha vermelha olhou para ela com ternura, abriu a boca para responder, mas uma aragem apanhou-a e levou-a dali antes de ter tempo de dizer mais nada. Ficou só o eco de um riso a descer pela colina.

Naquela noite, a árvore ficou quase despida. Só restavam três ou quatro folhas teimosas, e Fiapo era a mais teimosa de todas. O luar passava por entre os ramos nus e desenhava no chão sombras compridas, como dedos a apontar.

— Ramo — sussurrou Fiapo.

O ramo onde ela estava agarrada era velho, velhíssimo, mais velho do que a colina, dizia-se. Tinha o tronco cheio de rugas e um nó no meio que parecia um olho meio fechado. Era um ramo paciente. Tinha visto sessenta outonos e ainda não perdera a paciência uma única vez.

— Diz, minha querida.

— Tu já caíste alguma vez?

O ramo demorou a responder. Quando falou, a voz era grave e devagar, como mel a escorrer de uma colher.

— Eu não. Eu fico. Quem cai são as folhas. Cada um tem a sua maneira de ser árvore.

— E tens pena?

— De ficar? Às vezes. — O ramo suspirou, e o suspiro fez estalar a casca. — Sabes, Fiapo, tenho pena de nunca ter visto o que vós vedes. Todos os outonos vos vejo partir, e todas as primaveras vos vejo voltar, novas, verdes, a cheirar a chuva. Mas nunca vi para onde vão no meio.

— Vão acabar.

— Vão *viajar* — corrigiu o ramo. — Quem sabe? Talvez cair seja só começar de outra maneira.

Fiapo não ficou convencida. As folhas nunca ficam convencidas à primeira. Mas guardou aquelas palavras no cantinho mais fundo do pé, onde guardava as coisas importantes, e adormeceu a pensar nelas.

Foi na manhã seguinte que o vento chegou.

O vento daquela terra era vaidoso. Toda a gente sabia. Gostava de ser notado, gostava de ser cumprimentado e, acima de tudo, gostava de ter plateia. Chegou a assobiar uma melodia qualquer, deu duas voltas completas à árvore, despenteou os pardais que dormiam num ramo e parou mesmo à frente de Fiapo, muito perto, com ar de quem acaba de ter uma ideia genial.

— Olá — disse o vento. — Tu és a última.

— Eu sou a que *ainda* não caiu — corrigiu Fiapo, muito digna.

— É a mesma coisa, mas dita com mais teimosia. — O vento riu-se, e o riso dele fez tremer o céu todo. — Sabes que não podes ficar aí para sempre?

— Posso tentar.

— Claro que podes. Eu admiro quem tenta. — O vento deu uma voltinha no ar, a pensar. — Mas diz-me uma coisa: tens curiosidade?

Fiapo hesitou. Tinha. Claro que tinha. Todas as folhas têm, lá no fundo, mesmo as que fingem que não.

— Um bocado — admitiu.

— Então queres ver uma coisa? Uma coisa que só se vê lá de cima?

— Não.

— Pois eu acho que queres.

E, com muito cuidado, como quem pega num ovo acabado de pôr, o vento soprou. Foi um sopro pequenino, do tamanho de um suspiro. Fiapo sentiu o pé a escorregar do ramo, sentiu o estômago a ficar leve como um balão, sentiu o mundo inteiro a virar-se do avesso.

— Ai! — gritou. — Ai, ai, ai! Vou cair! Vou acabar! Ramo, ramo, ajuda-me!

— Boa viagem, querida — disse o ramo, e se os ramos tivessem olhos, este teria tido os olhos molhados.

E depois, em vez de cair, Fiapo voou.

Não foi para baixo. Foi para cima. O vento apanhou-a debaixo de uma aragem larga e quente e levou-a por cima das copas, por cima da colina, por cima de tudo. Fiapo abriu muito os olhos, que tinha fechado de medo, e viu.

Viu o cimo das árvores, todas aos tons de fogo. Viu um bando de pardais que ia a discutir o caminho, um a dizer que era à esquerda, outro a dizer que era à direita, e o mais pequenino, atrás de todos, a dizer que era para casa, que já se fazia tarde. Viu uma nuvem baixinha que passava a pouca distância e que cheirava a chuva e a pão acabado de sair do forno.

— Boa tarde — disse a nuvem, com voz de almofada.

— Boa tarde — respondeu Fiapo, que era bem-educada mesmo no meio de um susto.

— Vais para longe?

— Não sei. Vou onde o vento me levar.

— É a melhor maneira — disse a nuvem. — Eu faço o mesmo há milhares de anos e nunca me arrependi.

E lá ficou, a dissolver-se devagar, a deixar atrás de si uns pingos mansos que caíram sobre a floresta como uma bênção.

Foi então que se abriu, lá em baixo, o vale.

Meu Deus, o vale!

Era todo uma fogueira de cores. Havia laranjas como abóboras maduras, vermelhos como maçãs de Natal, dourados como moedas de conto de fadas. Havia castanhos de pão de ló e ocres de mel escuro. A neblina deitava-se por cima de tudo, fina e branca, como um lençol de lã que alguém estendera para as árvores dormirem a sesta. E por cima disso, muito ao longe, as montanhas usavam os seus chapéus de neve, direitinhos e solenes, a vigiar o vale como velhos guardas de pedra.

— Então? — perguntou o vento, que ia ali ao lado, a assobiar baixo.

Fiapo não respondeu logo. Tinha a boca (se as folhas tivessem boca) completamente aberta.

— É... é *bonito* — conseguiu dizer, por fim. — Ninguém me tinha dito que era bonito.

— Ninguém sabe — disse o vento. — As folhas só descobrem quando caem. É um segredo muito bem guardado.

— Então cair não é acabar?

— Cair — disse o vento, que desta vez falou muito baixinho, sem vaidade nenhuma — é a maneira que o outono tem de nos mostrar o mundo.

Fiapo ficou calada. Pensou no ramo, nas irmãs, no riso da folha vermelha a descer pela colina. E percebeu, de repente, que todas elas sabiam. Todas elas, desde sempre, sabiam o segredo, e nenhuma lho tinha contado, porque não se conta. Descobre-se.

— Obrigada — disse, por fim.

— De nada. Dá-me gosto. Não é todos os dias que se convence uma folha teimosa.

E Fiapo, que já não tinha medo nenhum, deixou-se levar.

O vento levou-a para a frente, devagar, de lado, a rodopiar como se a própria tarde a embalasse. Passaram por cima de um rio prateado, por cima de uma aldeia de telhados vermelhos com fumo a sair das chaminés, por cima de um campo onde um espantalho de chapéu torto acenava a toda a gente que passava. E, ao longe, muito pequenino e muito desfocado, apareceu um ponto escuro à beira de um penhasco.

Fiapo semicerrou os olhos. Parecia uma casa. Uma casa a sair da falésia, torta como um chapéu esquecido, com um fiozinho de fumo a subir da chaminé e pequenas luzes amarelas a piscar nas janelas.

— Aquela ali — disse o vento — é para onde te vou levar.

— Quem mora lá?

O vento sorriu, e foi um sorriso que se ouviu.

— Uma bruxa. A melhor que há.

— Uma *bruxa*? — Fiapo tremeu da ponta ao pé. — Eu pensava que as bruxas comiam folhas.

— Esta só come sopa. E lê. Passa tardes inteiras a ler. — O vento baixou a voz, como se fosse contar um segredo de Estado. — E há uma coisa que ela anda à procura há muito, muito tempo. Uma coisa que está num livro. Mas isso fica para outro dia.

E assim, meus meninos e minhas meninas, começou a viagem da folha Fiapo, que não queria cair e acabou a voar. Ao longe, a casa torta esperava por ela, com as janelas acesas e a chaminé a fumegar, como quem sabe que vem aí visita e já pôs a água ao lume.

CAPÍTULO 2

A cabana que tinha pernas

Convém explicar uma coisa sobre a casa à beira do penhasco: não era uma casa como as outras.

As casas sensatas têm alicerces. São coisas sérias, enterradas fundo no chão, que não se mexem nem quando lhes apetece. Esta casa não tinha alicerces nenhuns. Tinha raízes.

Raízes grossas, retorcidas, cheias de nós e de curvas, que saíam das paredes de baixo e se agarravam à rocha como os dedos de um gigante muito velho. Havia quem dissesse que eram as raízes de uma árvore enorme que ali crescera há mil anos e que, quando morreu, deixou o corpo para fazer uma casa. Havia quem dissesse que a casa nascera assim mesmo, já com pernas. E havia quem dissesse (mas estes eram poucos, e geralmente corujas) que as raízes às vezes se mexiam, quando ninguém estava a ver.

Pois as corujas tinham razão.

A casa chamava-se Pernalta. Ninguém lhe tinha posto o nome. Ela própria o escolhera, numa noite de inverno, quando a neve caía tão espessa que não se ouvia mais nada,

e ela sentiu que precisava de uma palavra só sua para dizer a si mesma.

Pernalta era uma cabana tímida. Gostava de se esconder atrás das nuvens quando vinha visita e de espreitar pelas janelas pequeninas quando achava que ninguém dava por ela. Era também, é preciso confessá-lo, um bocado preguiçosa. Passava horas e horas a olhar para o vale, sem fazer nada, só a ver as folhas mudarem de cor. E, quando chovia, encolhia as pernas debaixo do corpo e fingia que dormia, só para não ter de ir a lado nenhum.

Tinha, no entanto, uma qualidade que compensava tudo: sentia as coisas antes de elas acontecerem. Sentia a chuva uma hora antes de cair. Sentia a visita um dia antes de chegar. Sentia o inverno quando ele ainda estava a pôr o casaco.

E naquele fim de tarde, Pernalta estava inquieta.

Tinha sentido uma coisa no ar. Uma coisa diferente, que não era vento nem chuva nem fumo. Um cheiro, talvez. Canela e laranja, vindo de muito longe, de um tempo que ainda não tinha chegado.

— Caldeirão — sussurrou ela, num estalido de madeira. — Estás acordado?

No alpendre, o caldeirão de ferro, que estava a ferver baixo desde a manhã, deu um borbulhar contrariado.

— Agora estou.

— Sentes isto?

— Sinto que me acordaste. Sinto que tinha um sonho muito bom, com uma cebola enorme. Sinto que a sopa pre-

cisa de mais sal. — O caldeirão deixou escapar uma nuvem de vapor, ofendido. — O que é que queres, Pernalta?

— Está a chegar uma coisa.

— Está sempre a chegar uma coisa. É outono. Chegam folhas, chega vento, chega o ouriço...

— Não, não. Uma coisa *diferente*.

O caldeirão calou-se. Não era um caldeirão de grandes conversas, mas tinha o olfacto apurado, e quando a Pernalta falava assim, de mansinho, valia a pena ouvir. Fechou a tampa, abriu-a outra vez, deixou o vapor subir em espiral e ficou a farejar o ar durante um bom bocado.

— Hum — disse ele, por fim. — Cheira a Natal.

— A Natal?

— A Natal. Mas ainda longe. Muito longe. Um Natal pequenino, a chegar de mansinho, a fingir que é outra coisa, como quem não quer a coisa.

— E isso é bom?

— É bom — disse o caldeirão, muito sério — desde que ninguém se esqueça de pôr canela.

E, como se aquelas palavras tivessem sido um sinal, as lanternas de ferro, penduradas ao longo do beiral, acenderam-se todas ao mesmo tempo, uma a uma, com um *plim, plim, plim* de vaga-lume. Eram seis, de tamanhos diferentes, e cada uma tinha a sua personalidade. A maior, junto à porta, era grave e solene. A do meio, de vidro um bocadinho rachado, era a mexeriqueira. E a mais pequenina, lá no canto, era tão tímida que só acendia quando tinha a certeza de que ninguém a estava a olhar.

— Ela está a chegar — sussurrou essa.

— Quem? — perguntou a mexeriqueira, que gostava de saber tudo primeiro.

— A dona. A Tília.

Debaixo do beiral, os molhinhos de ervas secas que pendiam em fila estremeceram todos de contentamento. Havia tomilho, alecrim, hortelã, camomila, lavanda e outras de que já ninguém se lembrava do nome, mas que cheiravam bem na mesma. Quando soube da notícia, o alecrim espalhou o seu cheiro por toda a varanda, e a hortelã, que era sempre a mais exagerada, soltou três espirros seguidos.

Pernalta ergueu-se um bocado nas suas pernas de raiz (só um bocado, para ninguém reparar) e olhou para o céu. E lá em cima, muito longe, onde as nuvens se desfaziam em fios cor-de-rosa e ouro, apareceu um ponto escuro. Um ponto que crescia devagar, devagar, em círculos largos e calmos.

Uma vassoura.

E, agarrada à vassoura, uma figura de manto laranja, comprido como um pôr do sol, e de chapéu castanho muito pontiagudo, que o vento fazia balançar.

— Boa tarde, penhasco! — gritou a figura, com a voz mais doce do mundo. — Boa tarde, vale! Boa tarde, vento!

E o vento, que andava por ali a fingir que não estava, respondeu com uma rajada tão alegre que lhe levantou o manto todo e fez o chapéu dançar.

— Já sei, já sei — riu-se ela, a segurar o chapéu com uma mão. — Estás cá, estás cá. Ninguém se esquece de ti, seu vaidoso.

Era a Tília.

Tinha o rosto redondo e a pele cor de pão quente, com duas covinhas que só apareciam quando sorria, o que acontecia muitas vezes. Os olhos eram castanhos como mel escuro, e o cabelo, grisalho e comprido, escapava-lhe em madeixas por baixo do chapéu. Não era nem nova nem velha. Era daquela idade que as pessoas têm quando já viram muita coisa e ainda se espantam com tudo.

Tília deu a primeira volta em redor da cabana, devagar, de olhos postos em cada cantinho. Não ia a correr. Não fugia de nada nem perseguia ninguém. Fazia a sua ronda, como quem passeia no jardim depois de jantar, a ver se estava tudo no sítio.

— Boa tarde, Pernalta — disse ela, ao passar pela janela de cima. — Dormiste bem?

A cabana, tímida, fez um pequeno estalido que queria dizer *sim, obrigada*, e encolheu-se um bocadinho de vergonha.

— Boa tarde, lanternas! Estão lindas esta noite.

As lanternas piscaram, todas ao mesmo tempo, e a pequenina do canto quase se apagou de tanta emoção.

— Boa tarde, ervas! Boa tarde, caldeirão!

— Está a faltar sal — resmungou o caldeirão.

— Já vou, já vou — riu-se Tília. — Dá-me só mais uma volta.

E deu. E depois outra. E mais outra. A cada círculo, a vassoura descia um bocado, como se também quisesse chegar a casa. E a cada círculo, Tília reparava em coisas novas: no fumo que subia em espirais, nas folhas que caíam sem fazer ruído, na luz amarela das janelas, a dizer *aqui dentro há sempre lugar para ti*.

Foi na quarta volta que ela viu a folha.

Vinha lá de longe, de cima, muito pequenina, amarela como manteiga, a rodopiar no vento. Não caía. Dançava. Vinha direitinha à cabana, num voo lento, de lado, como quem sabe exatamente para onde vai mas finge que não.

Tília parou a vassoura no ar.

— Olha — murmurou, para ninguém em particular. — Uma visita.

E esticou a mão, devagar, com a palma virada para cima, como quem espera uma borboleta.

Lá em cima, no meio da aragem, Fiapo viu a mão aberta a esperar por ela, quente e macia, com a luz do fim da tarde a escorrer-lhe pelos dedos. Teve medo, claro. Mas era um medo pequenino, daqueles que já têm no fundo uma pontinha de alegria.

— Vai — sussurrou o vento. — Eu fico por aqui.

E Fiapo, a folha que não queria cair, desceu os últimos metros do seu primeiro voo e pousou, leve como um suspiro, na palma da mão da bruxa.